

“QUEM SOU EU E QUEM OS OUTROS PENSAM QUE SOU?” (Vieira, 1998)

“**Quem sou eu e quem os Outros pensam que sou?**” é um texto da autoria do professor Ricardo Vieira que nos delicia com a narração de um episódio do quotidiano pejado de significados. Assim, uma ida a uma oficina de automóveis, na qual se encontrou com o Sr. Manuel, foi suficiente para dar azo a uma conversa que evidencia como no domínio do cognitivo, as nossas representações sociais nos podem induzir em erro.

Vejamos então: Se por um lado, todos nós interiorizámos que a missão do professor é ensinar dando aulas nas escolas, e que ao cabo de um ano letivo há lugar para as férias, durante um período de cerca de três meses, por outro lado, também temos fortemente enraizada a ideia, de que o período de férias se destina a uma paragem mais ou menos total nas atividades profissionais. Pelo menos em Portugal assim é, as férias são por assim dizer uma espécie de instituição e tudo ou quase tudo para, é a por todos reconhecida altura de “carregar baterias”, tal como se usa dizer na gíria popular. Esta tradicional vivência à portuguesa mostra-se incorporada na experiência de vida do Sr. Manuel quando comenta em tom brejeiro mas convicto, as pretensas vastas férias do professor Ricardo Vieira. Três meses! O que o Sr Manuel faz em relação ao Professor Ricardo Vieira mais não é do que atribuir-lhe uma identidade social. *“Por identidade social entendem-se as características que os outros atribuem a um indivíduo. Estas podem ser vistas como marcadores que indicam, de um modo geral, quem essa pessoa é. Ao mesmo tempo, posicionam essa pessoa em relação a outros indivíduos com quem partilha os mesmos atributos”* (Giddens, 2007: 29) in (Maurício, 2011:23). Não lhe ocorre sequer, que a profissão de professor, para mais acrescida de outras responsabilidades a ela inerentes, não se esgota no espaço de uma sala de aulas, ou durante o tempo que dura o ano letivo. Os comentários do Sr. Manuel deixam a impressão de que apesar de ser um homem de trabalho e empresário de sucesso, a sua experiência e história de vida não lhe permitem perceber outra realidade para além daquela em que vive e sempre viveu mergulhado. O monoculturalismo do Sr. Manuel fica mais uma vez exposto, quando ao perceber que Ricardo Vieira tenciona ir a Lisboa, logo realiza, que o motivo da viagem, só pode consistir numa visita à Expo, como se não abundassem outras razões, e mais prementes, para se ir a Lisboa.

Ricardo Vieira através deste texto dá-nos a perceber o agir de uma pessoa monoculturalista, que é o Sr. Manuel, mas também nos demonstra o que é ser intercultural, na pessoa do Pedro, o jovem mecânico da oficina. Talvez por ser de uma geração mais jovem, e por isso com acesso a mais educação, O Pedro consegue

abarcam simultaneamente a realidade que é a sua, um trabalhador manual, mas também outras realidades exteriores a si, diferentes do seu *modus vivendi*. Por isso, Pedro apresenta um discurso com dois registos, um mais elaborado e mais conducente para se ter com um professor de elevado estatuto, como por exemplo quando refere que o prazo para mudar o óleo do carro não tem de ser tão “linear”, mas logo procedido do termo “ao milímetro” que pensa tornar-se mais apropriado ao Sr. Manuel, partindo do pressuposto de que os limitados conhecimentos linguísticos do Sr. Manuel o impediriam de continuar integrado na conversa. De acordo com Vieira, o Pedro era de entre os três, quem mais conseguia viajar pela cultura dos outros dois, por conseguinte, era o mais intercultural, já que o conceito de intercultural *“implica as noções de reciprocidade e troca na aprendizagem, na comunicação e nas relações humanas”* (Vieira, 1998: 5). Assim, se tivermos em consideração os conceitos defendidos por Vieira (1998), Pedro aproxima-se do que considera ser um *trânsfuga*, na medida em que um *trânsfuga* é um híbrido, um mestiço culturalmente, ou seja, multicultural no processo de construção. Consequentemente *“O trânsfuga é um terceiro instruído que constrói pontes atitudinais e contextualizadoras entre as esferas culturais que atravessou. Manifesta assim o seu eu intercultural”* (Vieira, 1998:5). Quanto ao conceito de terceiro instruído, e ainda segundo Vieira (1998) diz respeito ao indivíduo que se constrói a partir da *“cultura de sua origem, assim como os contextos já atravessados - e a cultura de chegada, misturada ainda com o projeto do devir”*. *“Sincretismos que correspondem à emergência duma nova dimensão do ser - a terceira - não estática, nunca verdadeiramente acabada, e por isso ainda sujeita a metamorfoses, as reconstruções identitárias”*, o que por sua vez também leva à construção de uma identidade idiossincrática, porque cada um de nós percebe e receciona as coisas conforme a nossa experiência, os condicionalismos e constrangimentos por ela impostos, tendo em conta que os indivíduos sentem os acontecimentos de forma diferente. De acordo com Rorty (1989) in (Filho (2009:8) os indivíduos herdaram suas primeiras perspetivas da dimensão social em que vivem – são primeiro socializados e só depois serão capazes de criar a si mesmos.

Vieira (1998) refere ainda que o *trânsfuga* nunca esconde as suas origens por muito humildes que sejam. Ao contrário deste, o “oblato”, apesar de ser, de tal como o *trânsfuga*, um híbrido e um mestiço culturalmente, logo um terceiro instruído, na verdade não o mostra ser. O oblato pretende com esta atitude passar uma borracha por um passado que não lhe é confortável, consequentemente, o oblato, em termos de atitude assume-se como monocultural.

Bibliografia

FILHO, Aldir. C. (2009). Autoedificação idiossincrática como modelo liberal-burguês de educação. *Revista Redescições – Revista on-line do GT de Pragmatismo e Filosofia Norte – Americana*. Ano I. Nº 1.

MAURÍCIO, Ana. F. S. (2011). Representações Identitárias no Discurso de Uma Instituição Feminista. *Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Universidade Nova de Lisboa*. Acedido em 06/10712 no site http://run.unl.pt/bitstream/10362/5937/1/Tese_Final.pdf

Acedido a 06/10712 no site <http://www.gtpragmatismo.com.br/redescricoes/redescricoes/01/3Aldir.pdf>

VIEIRA, Ricardo. (1999). “Quem sou eu e quem os Outros pensam que sou?”. In *Ser Igual ser Diferente – Encruzilhadas da Identidade*. Editora Profedições.

VIEIRA, Ricardo. (1998). *A construção do Homem. Identidades e Metamorfoses*. Leiria.

Texto escrito conforme o Acordo Ortográfico - convertido pelo Lince.